

DE UM DEUS ODIOSO A UM DIABO AMOROSO

*Maria Eunice Moreira**

*E*m 1966, ao publicar um de seus escritos, intitulado “Subversão do sujeito e dialética do desejo do inconsciente freudiano”, Jacques Lacan recorreu a uma pequena e antiga novela para estudar a questão do sujeito e situar o lugar do demônio como voz do desejo. Seguindo as trilhas de seu mestre, Sigmund Freud, que também buscara na literatura uma fonte de referência para suas análises, através do Fausto, de Goethe, o psicanalista francês orientou seus estudos tomando por referência uma pergunta feita pelo diabo, num texto do século XVIII intitulado O diabo amoroso, de Jacques Cazotte, cuja história há muito se perdera na memória dos leitores.

* Professora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Na novela *O diabo amoroso*¹, na qual tudo transcorre em clima de sonho, o diabo dirige uma pergunta ao herói, que se torna central em relação ao eixo narrativo e ao destino da personagem. A pergunta – *che vuoi?* (o que queres?) – serve para Lacan discutir os limites do desejo humano. Colocado à frente da possibilidade de ter todos os seus desejos atendidos, principalmente o de possuir Biondetta, a linda mulher que se apresentou a ele travestida de diabo, Álvaro tem de optar por um único desejo, rejeitando a mulher que ama. Para a psicanálise lacaniana, isso significa que no âmago de cada sujeito as possibilidades do desejo, ainda que múltiplas, obrigam o sujeito a escolher apenas um dentre todos os desejos. Desse modo, o sujeito, entendido por Lacan como o sujeito do inconsciente, se confrontaria com todos os desejos possíveis nesse – *che vuoi?* – do que resultaria a passagem para apenas *um* desejo.

Embora Lacan tenha explicitado a narrativa sob a ótica de sua teoria psicanalítica, tratando das relações do sujeito com o desejo do inconsciente, deixou, contudo, de mencionar o autor e a obra a que ele se referia, o que estimulou seus leitores a buscar a resposta para essas indagações.

Duas perguntas, portanto, podem ser formuladas a partir do vazio deixado pelo psicanalista: quem é o autor da narrativa? O que conta uma história do século XVIII, retomada por Lacan em pleno século XX?

Jacques Cazotte – um homem do desejo

Jacques Cazotte nasceu em Dijon, na França, em 1719, numa família de quatorze irmãos. Aos vinte anos, partiu para Paris, cidade na qual publicou sua primeira obra aos vinte e dois anos de idade. *A pata do gato* lembra os contos orientais, característica que também iria aproveitar em seu segundo livro, publicado no ano seguinte: *As mil e uma tolices* parodiava *As mil e uma noites* e obteve melhor acolhida que o primeiro, tendo sido reeditado onze anos depois. Aos vinte e oito anos, recebeu ordens para embarcar para a Martinica, possessão francesa no Caribe, onde passou a exercer as funções de controlador do material depositado no arsenal. Nessa ilha, Cazotte permaneceria quatorze anos, mas, alegando doença, retornou a Paris. Voltou, ainda, mais uma vez a Martinica, até se estabelecer definitivamente na capital francesa.

Em 1763, já em Paris, publicou *Olivier*, compôs uma ópera, escreveu uma novela romântica, textos nos quais se ocupava dos temas diabólicos e manifestava uma aproximação com temas fantásticos. A obra que lhe con-

¹ CAZOTTE, Jacques. *O Diabo amoroso*. Rio de Janeiro : Imago, 1992.

cederia maior reconhecimento, *O diabo amoroso*, somente seria publicada em 1772, quando tinha 53 anos de idade e já fora eleito para a Academia de Ciências e Belas Artes de Dijon.

Segundo relato do crítico Gérard de Nerval, após a publicação de *O diabo amoroso*, seu autor encontrou um misterioso personagem que lhe fazia sinais à maneira dos iniciados. Frente ao espanto de Cazotte, o desconhecido desculpou-se, afirmando que o acreditava ser iniciado nos mistérios das ciências ocultas, em virtude das idéias expostas em sua obra. A partir desse encontro, integra-se aos martinistas, agremiação secreta que tentava renovar a instituição dos ritos cabalísticos do século XI, procurando associar a cabala judaica às teorias dos filósofos alexandrinos.

Três anos mais tarde, no entanto, abandonou os martinistas, por motivos essencialmente políticos, preocupado com os laços que se anunciavam entre o grupo e a maçonaria. Sua obra, porém, ficaria marcada por suas convicções espirituais, fazendo com que em seus outros livros o conhecimento esotérico dominasse a preocupação estética. Para ele, o homem debate-se entre as lutas do Bem e do Mal e, no confronto que se estabelece no mundo e no interior de cada indivíduo, Satã dispõe de um vasto poder, mas não pode triunfar a não ser pelo abandono da livre vontade da alma humana. Segundo sua opinião, até mesmo os problemas econômicos, sociais e políticos seriam resolvidos e se explicariam dentro de uma concepção espiritual.

Essas idéias são coerentes com as profecias que passou a manifestar sobre os acontecimentos subseqüentes da Revolução Francesa, prevendo fatos e predizendo datas e lugares. Cazotte manifestava publicamente suas predições, chegando mesmo a publicá-las no livro *Revelações*, em 1792. Conta-se que, num jantar, realizado em 1788, perguntaram-lhe quando todas essas previsões seriam realizadas, ao que ele respondeu prontamente: *Antes de seis anos completos se cumprirá tudo o que eu disse* – e, de fato, tudo aconteceu segundo suas visões.

Afastado da roda de políticos contrários a suas posições, Cazotte retirou-se para sua propriedade rural, mas cada vez mais manifestava repúdio à Revolução, à Constituição e à Assembléia. A correspondência que dirigia a seu amigo Ponteau expressava a revolta e o temor que sentia pela segurança do Rei, chegando mesmo a traçar itinerários para a fuga real. Essas cartas, utilizadas por seus desafetos, foram suficientes para incriminá-lo, levando-o à prisão e à condenação. Salvo pela interferência de sua filha, que comoveu a multidão com demonstrações de amor filial e provas de apoio à República, em pouco tempo escapou da prisão. No mesmo ano, foi novamente preso, julgado e condenado à morte na guilhotina, o que se efetivou

em 1792, quando contava 73 anos de idade. Como Álvaro, herói de *O diabo amoroso*, Cazotte procurou sua verdade interior e, opondo-se à política da época, escolheu dentre todos os seus desejos apenas *um* desejo – o de ser fiel a si mesmo.

***O diabo amoroso* ou o amor diabólico**

Antes de Lacan retomar a leitura de *O diabo amoroso*, a obra registrou um grande sucesso, o que pode ser atestado pelas quarenta edições que teve na França, após a morte do autor, conhecendo também traduções em alemão e em inglês. Em 1871, foi traduzida para o português, pelo célebre romancista português Camilo Castelo Branco.

A história editorial do livro inicia em 1772, ao ser publicada a primeira edição. Nessa versão, o Mal triunfa, quando o herói cede o poder a Satã, tornando-se seu instrumento. Na outra edição, desse mesmo ano, vence o Bem e, finalmente, na terceira edição, a de 1776, Cazotte opta por um *juste milieu*, pois o herói cede ao amor de Biondetta, o diabo feminino, mas a mulher é abandonada ao final do conto.

Mas, enfim, qual é a trama que envolve um par amoroso e na qual a mulher se revela como a encarnação do diabo, submetendo o jovem herói da narrativa a seus poderes e seduções? Vamos à história:

Álvaro era um jovem oficial da guarda do rei de Nápoles, envolvido com mulheres e jogatina. Uma noite, numa de suas tertúlias, ouviu falar em cabala, assunto que despertou seu interesse pelo conhecimento oculto. Um de seus companheiros propõe levá-lo a um lugar ermo, onde o capitão poderia ser posto à frente das forças do Mal. Na noite aprazada, Álvaro vai a umas ruínas, é colocado no centro de um espaço circular e instigado a invocar o diabo, através da recitação da palavra Belzebu, pronunciada três vezes. Respondendo ao chamado do jovem, surge a sua frente a figura horrenda de um dromedário, que lhe pergunta – *che vuoi?* Aterrorizado, Álvaro pede-lhe que se transforme num cão, a que se segue a metamorfose do animal em homem. Esse homem aparece caracterizado como um pajem, que serve a Álvaro e seus companheiros uma mesa com frutas e vinhos. Nesse ambiente requintado, o pajem é também uma cantora, que preludia à harpa, com sua voz aveludada e doce.

Concluído o repasto, partem os oficiais em direção a Nápoles, acompanhados pelo pajem, de nome Biondetto, já agora na forma de uma linda mulher. De Nápoles, Álvaro segue para Veneza, a fim de encontrar com seu banqueiro, que lhe repassaria uma quantia em dinheiro. Biondetta o acompanha, mais uma vez, na viagem. Em Veneza, de posse da mesada

que lhe enviara sua mãe, Álvaro dedica-se à libertinagem, jogando durante dez dias, e acabando por ficar sem dinheiro. Inquieto com sua péssima situação financeira, o moço declara sua preocupação a Biondetta, que lhe afirma que os jogos de sorte podem ser estudados e que a sorte não é mero acaso. Por instrução da mulher, que lhe esclarece certas combinações, Álvaro torna-se vencedor nos jogos de azar. Dias depois, tendo perdido o interesse pelo jogo, procura seu prazer entre as mulheres, especialmente com Olívia, moça bela, talentosa e graciosa.

Envolvido com Olímpia e desconfiado do comportamento do pajem/mulher, Álvaro resolve viajar novamente, quando Biondetta é esfaqueada pelos mandantes de uma enciumada Olímpia, que sabia da existência dessa mulher junto ao rapaz. O acidente não só retarda a partida do oficial, como propicia a confirmação do amor de Álvaro por Biondetta. É nesse ponto da narrativa que o apaixonado oficial ouve da mulher desconhecida uma confissão não levada a sério por ele. Diz Biondetta, em resposta à declaração de amor do rapaz:

Eu sou sílfide de origem, e uma das mais distintas. Apareci sob a forma de cadelinha, recebi as tuas ordens, e todas à competência nos desvelamos em te servir. (...) É-me lícito ser corpo, e unir-me a um homem? Se me converto em mulher, perdendo nessa voluntária transformação o natural direito das sílfides e a assistência de minhas companheiras, fruirei a ventura de amar e ser amada.

A partir daí, uma série de acontecimentos inusitados passam a atingir o casal. Álvaro viaja novamente, sem Biondetta, e, para sua surpresa, essa o encontra em pleno caminho. A moça relata-lhe um novo atentado contra sua vida e, frente às indagações e suspeitas do rapaz, afirma novamente ser diferente e feita de *matéria elementar*. O comportamento estranho da mulher não impede Álvaro de partir para a Espanha para encontrar sua mãe e pedir consentimento para sua união com Biondetta. No caminho, dois episódios provocam alterações no comportamento da jovem. Durante a viagem, uma violenta tempestade enche os céus de raios e trovões, apavorando a moça e provocando novas dúvidas em Álvaro. Na continuação da jornada, quebra-se o eixo da roda da carroça e o casal é obrigado a pernoitar na casa de uns aldeãos, justamente no dia em que se celebram umas bodas. Na festa, Álvaro encontra duas ciganas que demonstram conhecimento da data de seu nascimento e circunstâncias relativas a sua vida. Quando as videntes iniciam um canto premonitório a respeito da vida

do rapaz, são interrompidas pela fúria de Biondetta, que retira Álvaro do seu convívio.

Nessa noite, a sós, Biondetta discute com o oficial e, mais uma vez diz ao rapaz – *Não me conheces, Álvaro* – reafirmando sua identidade oculta e estranha. Esse, contudo, não se deixa impressionar pelas palavras da moça e subjuga-se aos seus encantos. Após a noite de amor, Álvaro repete suas juras de amor, afirmando a Biondetta que ela *preenche todas as ambições de [sua] alma*. Essa declaração é contestada pela mulher, que, finalmente, revela sua verdadeira identidade, ao responder:

Não!... Biondetta não te é bastante... Este não é o meu nome; deste-mo, lisonjeou-me, usei-o com prazer; mas é preciso que saibas quem sou... Eu sou o diabo, meu caro Álvaro, *eu sou o diabo!*

Ofuscado pela revelação, Álvaro olha para o lado e depara-se com a figura grotesca do dromedário, que profere, outra vez, a pergunta: *che vuoi?* Em seguida, o animal gargalha medonhamente, vomita uma língua imensa e se afasta do rapaz para sempre.

Ao final, Álvaro reencontra sua mãe, desfaz uma série de mal entendidos e encontra Dom Quebracuernos, famoso doutor de Salamanca, que esclarece os episódios vividos pelo oficial e recomenda que ele se case com uma mulher escolhida por sua própria mãe, para que nunca seja tentada a pensar que a escolhida é o diabo.

Do deus odioso ao diabo amoroso

Abandonando o campo da psicanálise, que introduziu novamente *O diabo amoroso* no circuito das leituras do século XX, e afastando a conotação mística que se pode atribuir ao texto, minha proposta de leitura é de pensar o conto de Cazotte como um campo no qual predomina um pensamento tipicamente racionalista e que Álvaro, o herói da narrativa, tal qual Cazzotte, seu inventor, assumem atitudes tipicamente iluministas, buscando conhecer as realidades, inclusive aquelas obscuras e misteriosas. Nesse sentido, o pacto de Álvaro não se dá com o diabo (a Fé), mas com o conhecimento (a Razão).

Em linhas simplificadas, a Idade Média caracteriza-se como uma época na qual o direito de duvidar escapa aos homens. A Igreja impôs uma limitação ao pensamento humano, atribuindo apenas a si o direito de decidir sobre o que podia ou não podia ser pensado. Seguindo essa direção, a reli-

gião anula, no homem, a possibilidade de expressar outros desejos que não sejam os desejos divinos.

De acordo com a doutrina vigente, o diabo era a negativa de Deus e representava todo o Mal. Opositor da criação divina, o demônio tentaria estabelecer um pacto com os homens, para destruir a obra divina. A ele atribuíam-se as causas da doença, do sofrimento, da morte, enfim, de todo o indesejado e caberia ao homem estabelecer uma luta interior de modo a superar as forças negativas que levariam a humanidade à perdição. Uma das representações diabólicas mais exploradas era, sem dúvida, a mulher. Sob diversas formas – bruxas, feiticeiras, adivinhas – a figura feminina foi imediatamente associada ao diabo e considerada uma de suas mais fiéis seguidoras. Não é sem fundamento que os conventos foram considerados redutos das manifestações diabólicas e espaços de orgias e possessões.

Essa situação modifica-se no século XVIII, quando o diabo torna-se mais do que representação do Mal para se apresentar também como o elemento possuidor de poder. Trata-se de um poder a que é atribuída uma conotação de conhecimento, poder para saber, para desvendar, para conhecer. Neste período, caracterizado como Iluminismo, o conhecimento assumia o sentido de *illuminatio*, significando a possibilidade da aquisição do saber por práticas superiores às leis da razão e da inteligência. Nelas incluíam-se provas, fórmulas, invocações, rituais, que permitiriam ao homem o êxtase que o levaria ao encontro da Luz e à certeza do conhecimento.

É dentro desse quadro que age Álvaro, o jovem oficial da guarda de Nápoles. Toda a trama da narrativa, as peripécias e as aventuras protagonizadas pelo herói, funcionam no sentido de propiciar-lhe o saber, de levá-lo a adentrar por outras esferas do conhecimento, de ajudá-lo a atravessar as fronteiras do real e do sobrenatural. Foi a vontade de conhecer que levou Álvaro a se defrontar com forças desconhecidas e invocar Belzebu. Essa situação fica evidente já nas primeiras páginas do livro quando ele afirma a seu colega, versado nas artes das magias: *A minha mais forte paixão é a curiosidade*. É, portanto, a passagem das trevas (ignorância), ao conhecimento (luz) que motivam o herói a invocar o diabo e dele se aproximar.

A questão do conhecimento é reiterada várias vezes ao longo do texto, sempre sugerida pelo demônio. Assim, logo depois que o rapaz chama por Belzebu e esse traveste-se no pajem que o acompanhará em suas aventuras, é o próprio diabo quem o adverte, quando Álvaro o manda obedecer-lhe como escravo. “ – Tu não me conheces, senhor; senão de outro modo te haverias comigo... Condição te poria eu uma que te desarmasse e comprazesse.”

Em outra passagem, o diabo volta a relembrar a Álvaro que ele desconhece sua verdadeira identidade. A cena transcorre numa noite, quando o casal passeia no terraço do jardim e diz-lhe o moço:

Biondetta, quando tão lisonjeiro afeto me fez digno de ti, e tua vida se ligou à minha, prometeste dar-me saber coisas não sabidas do comum dos homens. Pareço-te indigno dessa nobilitação?

A resposta da mulher vem em seguida: “Sim, Álvaro, hei de instruir-te. (...) mas não basta a promessa de viveres comigo: é preciso que te dês a mim para sempre e sem reserva.” Álvaro, apaixonado, faz juras de fidelidade à moça, que, mais uma vez, o adverte: “– Não, que não me conheces, não me conheces.”

O ciclo em direção à verdade encerra-se quando Álvaro cede à Razão e compreende que Biondetta não é uma mulher com existência real, mas a encarnação do demônio. Nesse momento, Álvaro desperta para a revelação, abandonando as “trevas” e aceitando o domínio do conhecimento. É quando a Razão sobrepuja a Fé, que *O diabo amoroso*, de Cazotte pode ser enquadrado como uma narrativa do século das Luzes, uma vez que o herói cumpre suas aventuras, mas se torna, ao final, conhecedor das verdades dos fatos, isto é, iluminado por uma revelação, baseada na existência de uma inspiração sobrenatural.

Coerente com esse momento histórico, a narrativa não pode concluir sem que sejam esclarecidos os motivos pelos quais a personagem foi levada ao encontro com o diabo. Não é sem sentido, portanto, que a mãe de Álvaro manda chamar um sábio (a ciência) de Salamanca – cidade geralmente associada a fenômenos e práticas espirituais e sede de uma das mais antigas e notáveis universidades europeias – para proceder ao “esclarecimento” (*illuminatio*) final. Significativamente, o sábio convocado chama-se Dr. Quebracuernos, a quem caberá a tarefa de elucidar os fatos, ou melhor, de quebrar os cornos (os cornos estão associados à simbologia do poder). Segundo ele, Álvaro escapou ao maior perigo a que pode expor-se um homem por sua culpa, mas se, a partir de agora, o rapaz tomar precauções, estará completamente livre e sentenciou: “Que o seu inimigo o deixou, isso não sofre dúvida. Seduziu-o, é certo; mas não logrou corrompê-lo.”

Desse modo, *O diabo amoroso* que inicia com a busca de Álvaro em direção ao conhecimento, encerra-se com a palavra da ciência, demonstrando que entre a Fé e a Razão, Jacques Cazotte opta pela última, permitindo ao sujeito expressar seu desejo, mesmo que, para isso, tenha de se encontrar com o próprio demônio.

Tal qual seu inventor, Álvaro apresenta-se como um típico homem do século XVIII, ávido pelo conhecimento e destemido para enfrentar as mais ousadas aventuras, desde que essas propiciem uma jornada pelo saber. Assim, se a pergunta colocada na boca da esfinge – Quem sois? remete à identidade do sujeito, a questão posta na boca do demônio – O que queres? diz respeito ao desejo e às múltiplas faces com que esse se apresenta a cada indivíduo nas mais diferentes épocas. Para concluir, parece lícito admitir que, entre a perspectiva de um deus odioso que submetia os homens através de seu poder, sem lhes dar a chance da escolha, Álvaro escolhe um diabo (amoroso) que o convida à aventura, à satisfação de seus desejos, e o leva, sobretudo para o caminho do esclarecimento, da *illuminatio* de seu tempo.